

Sua Eminência Reverendíssima,
Excelências,
Senhores Embaixadores,
Minhas senhoras e meus senhores

Celebrar a Concordata assinada entre a Santa Sé e Portugal , a 7 de maio de 1940, no contexto de um mundo em guerra, é mais do que um momento celebratório. Celebrar a data inscreve-a no fluir da história, mas o momento é mais do que um olhar sobre o passado, creio-o como um momento com ambição de futuro, que consagra a autonomia de duas ordens distintas, a Igreja Católica e a República Portuguesa, e projeta um devir de convivência respeitadora.

A Universidade é a casa onde se preserva o passado, analisa o presente e projeta o futuro. Não havia por isso local mais adequado para acolher esta importante conferência organizada pela Comissão paritária da santa Sé e da República e pelo Instituto de Direito Canónico da UCP. Tanto mais que a casa que acolhe esta conferência não teria existido sem a Concordata, nomeadamente o artigo XX da Concordata de 7 de maio de 1940 que conferia à Igreja e às suas organizações o direito de estabelecerem livremente instituições de ensino, paralelas às do Estado, e que ficavam apenas sujeitas à fiscalização do mesmo. Mais tarde, é na revisão da Concordata celebrada a 18 de maio de 2004 entre a República e a Santa Sé que se encontra explicitamente designada a Universidade Católica Portuguesa, e a sua daí decorrente especificidade institucional.

Para a UCP, assinalar o aniversário da Concordata é portanto refletir sobre um documento estruturante da organização da sociedade portuguesa, na forma como decorre das normas de articulação entre a Igreja e o Estado, e ocasião para pensar a razão profunda que levou à criação da Universidade Católica Portuguesa, instituição ao serviço do país e que ao longo de 57 anos tanto valor lhe tem aportado. Mas é também ocasião para refletir no que, 84 anos volvidos, continua a limitar um relacionamento livre e respeitador da plena autonomia, de refletir sobre os espaços tensionais, ao mesmo tempo que se valoriza a sensatez que sempre afastou dissensos radicais e promoveu a confiança, reconhecendo o trabalho ímpar da Igreja na educação e capacitação das pessoas, a sua intervenção cultural e social, a forma como apoiou as populações e o Estado em momentos de profunda fragilidade, como foi a crise da dívida soberana e a pandemia.

Faço votos para que este seja um dia rico, que ajude a pensar as razões das coisas e anuncie um futuro de relações institucionais robusto e coeso.

Bem hajam